

27/03/23

Pág. 2

*"Advogado formado pela FDR da **UFPE**, PhD pela universidade de Oxford"*



Maurício Rands*

opinioao.pe@diariodepernambuco.com.br

*Os artigos publicados nesta página são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião do veículo.

O Lula do 9 de janeiro ou o Lula da última semana?

"Lula tá prejudicando ele mesmo", segundo Ferreira, vendedor de picolé nas praias do Recife. A frase lembra-me de regras seguidas por antigas raposas felpudas da política. Miguel Arraes referia-se sempre "aos nossos adversários". Evitava nominar os do outro lado. Marco Maciel recomendava não "fulanizar". O presidente Lula acaba de atacar um dos seus mais ferrenhos adversários, o senador Sérgio Moro. Trazendo-lhe audiência e clicks. Depois de ter caído na provocação do presidente do Bacen com seu tom duro no anúncio da manutenção da mais alta taxa de juros do mundo. Antes, havia afirmado enxergar o dedo do Departamento de Justiça americano em articulação com o populismo de toga da Lava-Jato para reduzir a competitividade internacional das empreiteiras brasileiras. Nos três episódios, o país assistiu um Lula exasperado, embarcando no modo "crença em teorias conspiratórias". E deixando contentes os seus adversários.

"O que deu em Lula?", foi a pergunta do findi. Várias teses foram aventadas. Sobre ter ressuscitado Moro, Lula estaria "escolhendo o adversário para 2026". Isso porque, além da sua co-

nhecida debilidade política, Moro não seria capaz de unir o campo político da direita populista autoritária a que pertence. Um campo que ficaria ainda mais dividido entre pré-candidaturas como as dele e as de Michele Bolsonaro, Tarcísio de Freitas e Romeu Zema, na hipótese de inelegibilidade de Jair. Sobre o ataque a Roberto Campos Neto, Lula estaria antecipando um bode expiatório para a provável não entrega do "espetáculo de crescimento" prometido na campanha. Sobre o fantasma do complô americano, estaria reagindo a reflexos de uma velha esquerda nacionalista e estatista. Como se visasse a re-energizar o seu cercadinho, sem descer do palanque, ainda apostando na polarização.

Para outros, Lula teria sequelas emocionais da prisão por um juiz suspeito, que manipulou a instrução de seus processos, induziu o STF a erro, e agiu com interesses eleitoreiros hoje desnudados. Prisão e batidas policiais em sua residência que podem ter precipitado a morte de sua esposa. Proibição de dar o último adeus ao neto e ao irmão. Injustiças que mexeriam com qualquer ser humano. Outra explicação seria a da

ausência de pessoas em seu círculo próximo com estatura política e institucional suficiente para lhe criticar. Outros alegam que Lula estaria ainda muito preso ao ambiente político e econômico dos seus governos anteriores. Não se teria adequadamente a uma situação econômica adversa, sobretudo no cenário externo, nem teria se atualizado em um novo ambiente de tecnologias disruptivas

O da semana passada não é o Lula esperado pela maioria dos 60 milhões que o elegeram para se livrar do Bolsonaro

como as da comunicação digital e da inteligência artificial. E não teria percebido o potencial que a superação do modo "polarização" poderia trazer para a gestação de novos paradigmas para o nosso desenvolvimento. Outra explicação seria a de redução da intuição e reflexos políticos que o notabilizaram. Pode ser que, embora parcialmente, algumas dessas explicações se complementem para ajudar a entender

o comportamento recente de alguém a quem poucos deixam de reconhecer a experiência política, argúcia e capacidade de construir pontes.

O da semana passada não é o Lula esperado pela maioria dos 60 milhões de brasileiros que o elegeram para se livrar do Bolsonaro e de sua política tóxica. Lula começou bem. Ao não cair na armadilha da GLO para debelar a tentativa de golpe do 8 de janeiro, e ao unificar os três poderes e as forças democráticas nos dias seguintes. Ao resgatar os Yanomamis. Ao trazer de volta políticas sociais exitosas como o Bolsa-família, o Mais Médicos, o Minha Casa - Minha Vida, o Pronasci e o Programa de Aquisição de Alimentos. Ao empoderar o ministro Haddad para criar uma nova regra de equilíbrio fiscal, mais sofisticada e flexível.

Lula precisa retomar a direção do início do seu governo. Ao invés da recaída da semana passada, seu pior momento, ele deveria se concentrar no planejamento, formulação de projetos e em sua execução. Aliás, o momento seria de menos viagens, menos atos públicos e menos entrevistas improvisadas. Nesse instante, falar menos é mais. O

adiamento da recuperação da economia no marco de inflação rumação. Ele um acordo em mara e do Ser chamar o feito o extrativismo e Rui Costa. P to o rigor de p o extrativismo trão não com cos crescentes que episódios tinue a ocor par o anúncio brio fiscal. De tributária e e ral cada mais segurança pa que inferniza promover um ta. Em suma, reformas estr refe de recons ça, da pacifica ção de reform sil precisa ma ro do que do

* Advogado da UFPE, Pós-graduação em Direito de Oxford